

RELAÇÃO FAMÍLIA/ESCOLA: AS CONTRIBUIÇÕES DA FAMÍLIA NO PROCESSO PEDAGÓGICO VIVIDO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Maria de Lourdes Garcêz da Silva¹
Luciana Matias Cavalcante²

RESUMO

Este trabalho é parte da pesquisa que tem como título “Relação família e escola: as contribuições da família no processo pedagógico vivido na Educação Infantil”. O objetivo dessa pesquisa foi identificar e analisar as contribuições da família no processo pedagógico proposto pela escola a fim de refletir criticamente acerca da parceria entre escola e família no âmbito da educação infantil, sua importância na melhoria do trabalho pedagógico. A pesquisa firmou-se em uma abordagem qualitativa e caracterizou-se como estudo de caso. A coleta de informações foi realizada através de um questionário e entrevista semiestruturada com os pais dos alunos e a professora de uma escola de Educação Infantil da rede pública municipal de Parnaíba/PI, como também de alguns relatos de minha experiência profissional. Na conclusão da pesquisa observamos que apesar de muitos pais não terem escolaridade adequada para lidar com o acompanhamento dos filhos nas atividades, todos acham importante sua participação na escola.

Palavras-chave: Família. Escola. Educação Infantil. Parceria.

1. INTRODUÇÃO

Partindo do princípio de que a família é a base da formação humana, como primeira instituição que exerce papel social e educacional nas futuras gerações, entendemos que sua participação no trabalho educativo escolar é imprescindível, pois a qualidade dessa educação depende da parceria entre escola e família ultrapassando, portanto, as dimensões próprias da escola.

Diante dessa perspectiva, vê-se a necessidade de um trabalho de pesquisa que reflita sobre a relação entre essas duas instituições destacando as contribuições da família no processo de ensino e aprendizagem, aspecto relevante do ato pedagógico na Educação Infantil. Portanto, o referido trabalho de pesquisa tem como objetivo analisar e compreender como se dá a relação família/escola dentro do processo de ensino e aprendizagem na Educação Infantil a fim de refletir criticamente acerca da parceria entre escola e família no âmbito da educação infantil, sua importância na melhoria do trabalho pedagógico.

Sabemos que a Educação Infantil, a partir da aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN Nº 9394/96), passa a ser definida como a primeira etapa da

¹ Graduada em Pedagogia (UFPI). Professora de Educação Infantil da rede Municipal de Parnaíba, aluna do curso Especialização em Educação Infantil (UFPI).

² Professora Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará. Professora Adjunta da Universidade Federal do Piauí.

Educação Básica, que vem passando por modificações nos últimos anos, tendo em vista a nova emenda constitucional nº 59, de 11 de novembro de 2009, que assegura a obrigatoriedade da frequência da criança na escola a partir de 04 anos de idade.

Assim, questionamos: como e quais são as contribuições da família na construção do processo pedagógico dentro do trabalho com as crianças, haja vista que o trabalho educativo é uma atividade complexa, em vista da dimensão da própria complexidade do desenvolvimento humano na infância, que requer a colaboração de profissionais de várias áreas do conhecimento seja da Psicologia, Pedagogia, dentre outros.

Nesse sentido, compreendemos que é de fundamental importância ao longo da trajetória educacional do educando a participação da instituição família no processo de desenvolvimento da criança em parceria com as ações da escola, pois, reflete na qualidade da formação que se deseja empreender na pequena infância. De acordo com Szymanski (2009), essas instituições têm um objetivo em comum: a preparação do indivíduo para adentrar na sociedade, facilitando sua formação para se tornar um cidadão.

Na busca de aprofundar nossa análise sobre as implicações da participação da família no trabalho pedagógico vivido na escola realizamos uma pesquisa na educação infantil e contamos com a colaboração de professores e pais de uma escola municipal de Parnaíba. A pesquisa foi desenvolvida mediante uma abordagem qualitativa, coleta bibliográfica e de campo. Esse estudo organizou-se em três etapas: na primeira aplicamos um questionário semiaberto objetivando traçar o perfil socioeconômico, de escolarização e descrever a rotina das famílias; na segunda etapa realizamos uma entrevista semiestruturada com os pais selecionados e com a professora da turma Infantil III, acrescidas de alguns relatos de minha experiência profissional.

Todo o trabalho de pesquisa foi realizado com base em autores que discutem de forma mais sistemática a contribuição da família nas atividades escolares, como Áries (2006); Kramer (1992); Szymanski (2009), e outros, buscando estabelecer a relação entre teoria e prática.

Mediante reflexão propomos, no decorrer desse artigo, apresentar a realidade pedagógica vivida em nossa experiência docente enfocando as dificuldades na aproximação dos pais com o trabalho educativo, bem como a contribuição de algumas famílias participantes desse trabalho. Portanto, a pesquisa realizada caracteriza-se como um estudo de caso que objetiva refletir criticamente acerca da importância do diálogo e da parceria entre escola e família.

2. CONCEPÇÃO DE FAMÍLIA E SUA ORGANIZAÇÃO COMO PROCESSO HISTÓRICO

Há muitos anos, já na Idade Média, a família, considerada base formal da criança, vem passando por várias modificações em seu processo estrutural, deixando de lado a sua importância sentimental, quebrando e alterando seus valores, abalando o modelo criado antigamente.

Naquela época a família era centrada na figura do pai. O marido exercia direitos sobre a mulher. O cônjuge do sexo masculino era um ser soberano, sua autoridade era onipotente. O próprio Código Civil já estabelecia a superioridade do marido dentro do lar e do pai na família, deixando visível a incapacidade da mulher e da mãe em suas ações. A mulher era excluída e não podia dispor de nenhum bem na comunidade, pois até mesmo seu salário era pago ao marido. (PERROT, 1991).

Segundo Ariès (1978), na obra “História social da criança e da família”, a família antiga tinha por missão a conservação dos bens, a prática comum de um ofício, a ajuda mútua cotidiana num mundo em que o homem e mais ainda a mulher, isolados, não podiam sobreviver, e ainda, nos casos de crise, lutavam pela proteção da honra e das vidas. A família não tinha função afetiva, não sendo necessária a existência de sentimento entre os cônjuges. Na descrição de Ariès:

São quatro séculos de formação de um modelo que se instalou no pensamento dos ocidentais e que é mantido por várias instituições tais como a escola, igreja, sistema de justiça e os meios de comunicação. Não é de se estranhar que mudanças sejam difíceis de serem assimiladas. Devem se lembrar, de que há três séculos atrás a transformação para o atual modelo nuclear de família também foi vista com desconfiança, e, desde então, preconiza-se seu fim (ARIÈS, 1978, apud SZYMANSKI, 2009, p. 21).

Somente a partir do final do século XVII é que a família é tomada como lugar de afeição entre cônjuges, pais e filhos, o que não acontecia antes. Nesse período, também, a preocupação não era somente estabelecer os filhos em função de bens e da honra, os pais interessaram-se pelos estudos dos filhos; surge nova organização em torno das crianças, a escola passa a assumir a aprendizagem e formação da criança, que antes era tarefa da família, ou seja, a criança não é mais misturada aos adultos para aprender com eles, as crianças eram separadas dos adultos, passando a viver numa espécie de “quarentena”, como foi considerada a escola (ARIÈS, 1978).

Tendo em vista o contexto cultural e social em que vivemos, esse conceito de família nuclear limita e, portanto, torna-se inadequado à compreensão de família contemporânea que

se identifica na atualidade em seus múltiplos arranjos. Nesse sentido, analisar a família contemporânea requer muito cuidado, implica na reorganização do olhar sobre o tema, pois vivemos hoje em um mundo globalizado, onde os relacionamentos familiares tomaram rumos diferenciados. A família não segue mais um único padrão ou único modelo.

Identificamos em nossos estudos que o modelo de família nuclear, naturalizado na sociedade moderna, vem passando por alterações, sofrendo interferência das renovações tecnológicas, inicialmente com a criação de métodos conceptivos e suas implicações, transformando aquele modelo de família nuclear em vários contextos familiares.

Como instituição social a família sempre esteve inserida na rede de inter-relações com outras instituições em especial com a escola. No momento histórico (Sec.XVII) em que a unidade escolar assumiu a educação formal, surge a preocupação com o acompanhamento mais próximo dos pais junto a seus filhos. Com essa finalidade, foram elaborados tratados de educação para os pais com a finalidade de orientá-los quanto a seus deveres e responsabilidades (ARIES, apud. SZYMANSKI, 1978, p. 21).

Nos anos 1960, outro acontecimento foi o marco para a mulher que deixou de ser dona de casa e de ter sua vida ligada não somente a maternidade, conquistando seu espaço no mercado de trabalho. Isso provocou mudanças nas famílias, criou-se então, no universo naturalizado da família a dimensão da “escolha”, não mais o “destino” (SARTI, 1995).

A entrada da mulher no mercado de trabalho foi o apoio necessário para que ela passasse a sustentar a família sem a ajuda do pai, passando a exercer outros papéis, não somente de esposa. Hoje, vê-se a ambiguidade que se constitui a família conforme o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil:

Além da família nuclear que é constituída pelo pai, mãe e filhos, proliferam hoje as famílias monoparentais, nas quais apenas a mãe ou o pai está presente. Existem, ainda, as famílias que se constituíram por meio de novos casamentos e possuem filhos advindos dessas relações. Há, também, as famílias extensas comuns na história brasileira, nas quais convivem na mesma casa várias gerações e/ou pessoas ligadas por parentescos diversos. É possível ainda encontrar várias famílias coabitando em uma mesma casa. Enfim, parece não haver limites para os arranjos familiares na atualidade. (1998, p. 76).

Tornou-se lugar comum afirmar que muitas vezes as famílias “reconfiguradas”, que não atendem ao perfil da família nuclear, são pessoas pouco presentes na educação dos filhos. Entretanto, percebemos que não é o modelo de família o elemento determinante no compromisso e responsabilidade com a educação da criança, mas sim inúmeros fatores que interferem nesse processo educativo tais como, elemento socioeconômico, educacional, cultural e outros, desestruturando o modelo ideal de formação da criança, levando toda a

responsabilidade de educar para a escola. A escola, como instituição educadora da criança, deve ser uma instituição acolhedora, mas que ainda não se encontra preparada para resolver tantos conflitos sozinha. Por isso é de total relevância que entre família e escola haja uma parceria dentro do trabalho educativo dessas crianças.

Considerando que “a criança é um ser social desde o seu nascimento”, como podemos trabalhar as etapas de seu desenvolvimento infantil sem a intervenção da lógica do adulto e da família? Será que é possível desenvolver um trabalho de educação escolar independente da participação da família se esta é a primeira instituição responsável pela transmissão dos valores sociais e características culturais do meio onde a criança está inserida?

Diante de tantos conceitos que envolvem a família, e esta sendo o caminho necessário para melhoria e engrandecimento do trabalho pedagógico com a criança é imprescindível que os profissionais da educação reflitam acerca dessa parceria, visando a uma maior participação da família nas atividades pedagógicas.

Para Kramer (1992), no trabalho com as famílias, o conhecimento, o relacionamento franco e a participação das famílias das crianças na vida da escola são componentes fundamentais da proposta pedagógica, principalmente quando se tem compromisso firmado com uma educação democrática. Assim, na medida em que o currículo considera a realidade social e cultural das crianças como um de seus alicerces básicos, entende-se a relação escola-família na sua dimensão social, respeitando os modos de agir e pensar dos pais, valorizando seus costumes e tradições, mas, simultaneamente, explicitando metas, atitudes e prioridades educacionais, buscando, então, o intercâmbio escola-família, visando à qualidade para o trabalho pedagógico.

Entretanto, percebemos que essa forma de conceber o papel das famílias incide sobre a atitude dos profissionais, implicando sérias dificuldades decorrentes tanto da maneira com que os pais e profissionais se veem uns aos outros, quanto de suas expectativas, como ainda das condições objetivas do seu cotidiano e os entraves específicos que se apresentam. Enfim, os objetivos do trabalho com os pais só serão alcançados quando estes sentirem e considerarem a escola como sua.

3. INTEGRAÇÃO DOS AMBIENTES ESCOLA E FAMÍLIA NO COTIDIANO EDUCATIVO E CURRICULAR DA EDUCAÇÃO INFANTIL

A educação Infantil é o início da escolarização da criança, sendo a mais importante das etapas escolares, onde a criança irá desenvolver suas potencialidades e singularidades, e é na convivência com os adultos que demonstrará suas atividades cotidianas.

Segundo Figueiredo (2000), a Educação Infantil é a porta de entrada para a inclusão escolar, onde a criança vai desenvolver suas aptidões linguísticas, atitudinais, afetivas, sociais e psicomotoras, interagindo com mais liberdade, sem a preocupação de um currículo rígido a cumprir.

O desenvolvimento integral da criança depende tanto dos cuidados relacionais que envolvem a dimensão afetiva e dos cuidados com os aspectos biológicos do corpo, tais como, a qualidade da alimentação e dos cuidados com a saúde, quanto da forma como esses cuidados são oferecidos e das oportunidades de acesso a conhecimentos variados dentro do contexto educativo (RCNEI, 1998).

Dessa forma, é importante que a família ou o responsável pela criança estabeleça uma parceria com os professores, dando orientações e contribuindo sempre que necessário para o desenvolvimento da criança na escola, favorecendo seu crescimento.

Atualmente os debates sobre educação vêm ampliando nossa compreensão sobre infância e Educação Infantil, bem como observamos certo avançando em formação e qualificação dos profissionais para responder às demandas atuais da educação de crianças de zero a cinco anos, em que se admite como a formação mínima para atuar na Educação Infantil o licenciado em pedagogia (3º grau). Entretanto, observamos que essa formação ainda não vigora como uma realidade em todas as escolas de Educação Infantil no Brasil.

A qualidade da educação diz respeito não só às demandas por formação, mas envolve outras dimensões, entre elas destacamos a parceria e a troca de informações contínuas entre família e escola que possibilitará a descoberta de significados comuns. Essa atitude considera a família como sendo capaz de, com a devida orientação, encontrar saídas para seus problemas, de forma a possibilitar a seus filhos desfrutar os seus direitos, conforme ditam os artigos 15 a 18 do cap. II do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que trata do direito à liberdade. Isso fará ao final do ano letivo a diferença na educação.

Considerando a importância da proximidade entre família e escola, realizamos um trabalho de pesquisa numa escola de Educação Infantil do município de Parnaíba. Essa escola conta com um corpo docente formado por 11 professores, todos com formação superior, a maioria com formação em Pedagogia, 3 estagiárias (auxiliares), cursando pedagogia - magistério. Na parte administrativa - 01 Diretora, 01 diretor adjunto e uma secretária, 02 merendeiras, 04 zeladoras e 04 vigias. A escola está localizada numa área urbana frequentada por uma comunidade com baixa renda, atendendo em média a 300 crianças, na faixa etária de 03 a 05 anos de idade, nos turnos manhã e tarde.

Durante o trabalho de pesquisa aplicamos um questionário com os pais dos alunos do Infantil III, crianças que estão entrando na escola pela primeira vez, e Infantil V, crianças que sairão da referida escola. Esse instrumento de coleta de dados permitiu conhecer as características das famílias pesquisadas, delineando o perfil socioeconômico, cultural, de escolarização das famílias que frequentam a escola. Logo em seguida realizamos uma entrevista semiestruturada com a professora do Infantil III, como também alguns relatos de minha experiência profissional.

Após a aplicação do questionário com as famílias dos alunos foi possível descobrir que o grau de escolaridade dessas famílias é baixo, onde a maioria delas só possui o Ensino Fundamental Incompleto, 36%. Das famílias participantes, 72% das mães interlocutoras exercem a profissão de doméstica como complementação da renda familiar. Identificamos também que o mesmo índice, 72%, moram em casa alugada e recebem o benefício Bolsa Família.

Quanto ao acompanhamento dos filhos durante o ano letivo, todas as famílias afirmam acompanhar o processo educativo dos filhos. A maioria das famílias acha importante a escola, porque prepara a criança para a vida e acreditam que a presença dos pais na escola é importante porque assim estão acompanhando e participando da educação dos filhos. Apesar de considerarem tão importante participar das atividades pedagógicas da escola, percebemos que, na realidade, isso não vem acontecendo como deveria ser.

A baixa participação dos pais na escola não é consequência de seu desinteresse ou irresponsabilidade, mas de uma série de fatores que colaboram para esse afastamento. Identificamos dois fatores de extrema relevância nesse contexto: as condições socioeconômicas e o estresse presente na luta cotidiana pela sobrevivência; e a baixa escolarização que dificulta o diálogo entre a escola e esses agentes. Esses fatores, muitas vezes, dificultam a participação ativa na vida escolar dos filhos. A maioria são pais de família, lutam para melhorar suas condições de vida, trabalhando intensamente para garantir a sobrevivência. Os relatos obtidos por meio de entrevista realizada com as famílias nos permitem visualizar seu contexto socioeconômico. Destacamos a fala a seguir:

Às vezes quando ela pede algo que passa na TV, um brinquedo, uma boneca, eu explico que ali é pra quem tem padrão de vida melhor e que a gente não pode. Não é todo mundo que pode ter o que passa lá, que é uma propaganda para chamar a atenção. (MÃE C).

De acordo com Poli (2008), a criação de vínculos saudáveis e duradouros dos pais para com os filhos prioriza a formação de sua personalidade. Existem famílias que não interagem na formação do seu filho junto à escola por se confrontarem com atividades de

trabalho cotidiano que exigem muito de seu tempo. Por outro lado, outras vivem à mercê do desemprego e da pobreza, o que muitas vezes causa o desequilíbrio dessas famílias...

Às vezes eu tenho tempo, eu ensino a eles, às vezes vai para a casa da tia deles para ela ensinar. (MÃE A).

Às vezes eu procuro fazer, às vezes precisa de muita revista, eu vou atrás, procuro recortar, colar... Mas a tarefa dele eu sei ensinar bastante. (MÃE B).

Às vezes eu estou ocupada, aí eu vou lá e ensino um pouquinho aí volto de novo, ela me chama, aí eu ensino de novo. (MÃE C).

Segundo Poli (2008), é bem verdade que os professores contribuem bastante na formação das crianças, mas não podemos esquecer que a responsabilidade pela educação dos filhos será sempre dos pais, independente de sua ocupação profissional e de seu tempo.

Algumas famílias enfrentam dificuldades em educar seus filhos, não só pelas condições financeiras como também...

É a questão, mesmo do convívio com coisas que a gente acha que não está certa, a questão da violência, da ignorância que se tem em casa com relação ao pai dela que é muito grosseiro, até pelo falta de educação mesmo que ele não teve de conhecer melhor as coisas. (MÃE C).

Mesmo diante de tantas contradições todas as famílias entrevistadas afirmam que é de grande importância a escola na vida dos filhos.

É muito importante ver a criança aprender, se desenvolver mais... Aprender a se comportar, ter mais educação. (MÃE B).

É fundamental você estar ali presente, acompanhado seu filho, o que ele está fazendo, o que está acontecendo na escola [...] Que os professores prestam atenção no aluno, eles percebem se o aluno muda de comportamento, conversam para tentar mudar aquele comportamento. (MÃE C).

Decerto os valores repassados pela escola são de suma importância para o educando e que, em consonância com os bons valores de casa, torna-se um trabalho de qualidade. Diante dos resultados encontrados durante a pesquisa, vemos o quanto é importante o diálogo entre professor e família, como trabalho coletivo na Educação Infantil. Como diz a professora em sua entrevista:

É importante porque muitas vezes é através desse diálogo que você vê como que é a realidade do seu aluno. Às vezes o seu aluno está com um problema, aí você descobre no momento em que há esse diálogo com a pessoa, com o pai, com a mãe, aí você descobre o que está acontecendo.

É necessário que a escola tenha um diálogo aberto com a família, trocar algumas palavras com o professor todos os dias pode ser um fator de tranquilidade para muitos pais. (RCNEI, 1998).

A professora acrescenta, ainda: “[...] se eu tivesse um apoio maior por parte da Secretaria da Educação [...] que eu vejo que nossas salas de aula são lotadas de crianças, até especiais e você não tem ninguém para ajudar, não tem nenhum apoio”.

A estrutura inadequada das escolas públicas de Educação Infantil é uma realidade na maioria dos Estados brasileiros. Salas pequenas, mobiliário inadequado, banheiros projetados para adultos, além da falta de material pedagógico e lúdico. Além dessas dificuldades, soma-se a ausência de uma proposta pedagógica bem definida, assim como de um acompanhamento pedagógico sistemático. Com base nas palavras de Poli (2008) “a ausência de recursos como a falta de um projeto pedagógico, bem como de uma estrutura escolar adequada, prejudica o trabalho dos mestres na formação dos alunos.”

O trabalho com a Educação Infantil é uma tarefa muito complexa, que exige do profissional bastante dinâmica e força de vontade para alcançar satisfação. Na sala de aula onde lecionamos, como em toda sala de aula, há diversidade de crianças e culturas, isso é bastante visível, crianças meigas, tímidas, inquietas, mais alegres ou mais introspectivas, e ainda há crianças com dificuldades de aprendizagem, apresentando-se como desafio ao trabalho docente. Nesses casos, a parceria com a família é fundamental, assim como a presença de profissionais especializados para analisar as causas e proceder ao acompanhamento dessas crianças se faz imprescindível. A ausência da família torna o trabalho muito mais complicado, recaindo sobre o professor e, muitas vezes, prejudicando o avanço e superação do problema pela criança.

A parceria e o diálogo constante com os pais, o seu reconhecimento acerca do trabalho que desenvolvemos colabora para manter a nossa autoestima elevada, melhorando sempre nossa atuação. Portanto, acreditamos que a docência é uma ação coletiva, permeada pela ação do outro, seja o educando, sua família, aqueles que são nossos pares, professores, direção e comunidade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O acompanhamento familiar dentro do processo pedagógico é uma prática social de grande valia na Educação Infantil, não só para as crianças como também para o professor, e traz implicações positivas para a escola dentro de sua comunidade. Acreditamos que um trabalho de grande porte realizado no ano letivo no que diz respeito à parceria entre escola e família irá provocar ações integradoras entre essas instituições, conscientizando-as acerca da importância dessa parceria, despertando na criança o gosto pelos estudos desde pequeno.

Contudo, em termos pedagógicos, o trabalho de acompanhamento das crianças dentro do contexto familiar, a participação ativa dos pais só vem subsidiar a ação do professor para com os alunos no que se refere à compreensão e direcionamento da capacidade do aluno, integração do contexto social e cultural desses sujeitos como elemento curricular, respeitando seus conhecimentos e sua vida para além dos muros da escola, convidando-os a se fazerem presentes no ambiente educativo.

Durante o trabalho de coleta de dados com as famílias dos alunos da escola, percebemos durante o processo a dificuldade que seria para a realização do estudo. As famílias das crianças selecionadas para a entrevista sentiram-se receosas em responder às perguntas feitas. Em outros momentos, compareciam à escola para deixar seus filhos sempre apressadas não podendo ficar para a entrevista. Outras se desculpavam pelo não comparecimento quando marcado, alegando estarem muito carregadas em seus serviços. Essas famílias têm como ocupação o trabalho doméstico como complemento da renda familiar.

De acordo com os dados coletados, durante a realização deste artigo, percebemos que a parceria entre escola e família não acontece como deveria, principalmente em consequência da realidade socioeconômica e de baixa escolarização dos pais. Cabe à escola propor novos caminhos para alargar essa integração, levando em conta a realidade social desses agentes.

Embora família e escola sejam duas instituições diferenciadas, mas com o mesmo objetivo a cumprir, fazer com que a criança se desenvolva positivamente em todos os seus aspectos, consideramos que a realidade de muitas famílias dificulta a concretização desse objetivo.

Sendo assim, os pais precisam conscientizar-se de que a família é o lugar onde a criança vai passar grande parte do seu tempo, constituindo-se no porto seguro capaz de ampará-los em suas dificuldades, sucessos ou fracassos, sendo os membros que a compõem responsáveis por grande parte dos conhecimentos que a criança irá absorver durante sua

trajetória de vida, sejam ações positivas ou negativas de seu meio cultural e que a escola não é parceira na educação plena dessa criança. A escola, portanto, deve atuar como agente responsável por transmitir os conhecimentos produzidos pela humanidade, procurando enfatizar aquilo que a criança traz de positivo de sua cultura, promovendo estratégias para facilitar seu desenvolvimento físico, psíquico e moral juntamente com o apoio e a contribuição necessária da família, que servirá de fortalecimento para essa educação, como afirma Szymanski: “o segredo de uma boa relação é saber ouvir, respeitar as culturas e trabalhar juntos”. (apud GENTILE, 2006, p. 34).

Entendemos que a criança que tem um bom relacionamento na família, onde ela tem seus primeiros contatos com o mundo e sendo bem acompanhada na escola dificilmente terá problemas no futuro, desenvolvendo-se qualitativamente em seus vários aspectos físico, psíquico e motor e assim podendo obter o sucesso.

Não queremos cobrar que os pais em casa ensinem conteúdos de matemática ou outros, mas cabe aos pais verificar se a lição foi feita e elogiar quando isso acontecer. O professor também não deve se sentir o único responsável pela formação de valores. Porém, é fundamental considerar os que são trazidos de casa pelos estudantes e contribuir para fortalecer princípios éticos. (GENTILE, 2006).

Considerando essa perspectiva, seguem algumas sugestões para aproximar família e escola, tais como conhecer as famílias que frequentam as instituições, planejar palestras, cursos ou outras atividades de interesse das famílias. Realizar reuniões para conversar sobre o que os alunos aprenderam, falar de suas conquistas e não só de suas dificuldades. Incentivar os pais a criar rotinas de estudo com os filhos. Pedir ajuda por parte do município para realização de atividades extraescolares com as famílias.

Esperamos que esse estudo possa colaborar com aqueles que buscam aproximar família e escola e acreditam que um trabalho conjunto entre esses dois agentes é condição para uma escola de Educação Infantil fortalecida nas suas práticas pedagógicas. A criança vivencia quase todos os dias dois contextos que são diferentes, o contexto escolar e o familiar, porém precisam falar a mesma língua principalmente no que se refere aos aspectos afetivos, de cuidado, de atitudes e valores.

5. REFERÊNCIAS

- ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução de Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: LCT, 2006. Título original: L' enfant et La vie familiale sous l' Ancien Régime.
- BRASIL, **Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional**. Lei 9.394, de dezembro de 1996. Brasília, DF: MEC, 1996.
- _____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.3V.
- _____. **Estatuto da criança e do adolescente**. 7. ed. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2009. 184 p.
- _____. Ministério de Educação: Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros Nacionais de qualidade para a educação infantil**. Brasília, DF: Ministério da Educação Secretaria de Educação Básica.
- _____. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao.htm> Acessado em 22 fev.2012.
- FIGUEIREDO, R. V. **A educação infantil e a inclusão escolar**. Heterogeneidade cultura e educação. 2000.
- GENTILE, P. Escola e família: todos aprendem com essa parceria. **Revista Nova Escola**, jun./jul., 2006. p. 32.
- KRAMER, S. et al. **Com a pré-escola nas mãos: uma alternativa curricular para a Educação Infantil**. São Paulo: Ática, 1992.
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- POLI, C. **Pais e professores educando com valores: a importância do trabalho em conjunto para a formação das crianças**. São Paulo: Editora Gente, 2008.
- PERROT, Michelle (Org.). **História da vida privada: da revolução francesa à primeira guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- ROSA, Maria Virgínia de Figueiredo Pereira do Couto. **A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismo para validação dos resultados**. Belo Horizonte: Autêntica 2008.
- SARTI, Cynthia A. Famílias enredadas. In.: VITALE, Maria Amália Faller; ACOSTA, Ana Rojas (Orgs.). **Família, redes, laços e políticas públicas**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005. p. 21-36.
- SZYMANSKI, Heloisa. **A relação família/escola: desafios e perspectivas**. 2. ed. Brasília: Liber livro, 2009.